

# ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO: DA POSSE AO ACESSO

Fernanda OLIVEIRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Buscou-se abordar neste artigo as origens da economia de compartilhamento, a sua ascensão – do período feudal à urbanização -, e o seu desenvolvimento hoje, na forma de modelos negócios de autogestão. Procurou-se explicar o conceito de prosumidor, surgido a partir deste novo sistema econômico, e os impactos das mudanças que ele trará para o gerenciamento de recursos e trocas da sociedade.

**Palavras-chave:** Economia do Compartilhamento. Economia Solidária. Prosumidor. Autogestão. Bens comuns.

## 1 INTRODUÇÃO

A economia do compartilhamento é um movimento que vai de encontro ao tradicional modelo capitalista. O mais importante não é possuir, mas sim ter acesso ao bem que se deseja. Não por acaso, empresas de compartilhamento de carros – zazcar, vip car club, zipcar, etc. -, entre outros serviços, como Uber, Couchsurfing e Airbnb, são exemplos de que uma nova era está em curso: O acesso em detrimento da posse.

O objetivo deste artigo foi explicar o que são modelos de negócios que utilizam a autogestão e como surgiu a Economia Solidária. Foi traçado um paralelo entre o período feudal, berço da economia comunitária, e a transição para a indústria e a vida nas cidades, onde o aprendizado dos camponeses na lida com o campo e gerenciamento de recursos comuns é transferido para o cenário de Revolução Industrial.

O contexto histórico da economia do compartilhamento é essencial para se entender seus mecanismos de influência e o impacto na sociedade, no passado e no presente. O conceito de prosumidor é explicado como força propulsora

---

<sup>1</sup> Discente do 1º ano do curso de Direito do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: fernandaoliveira.745@gmail.com

dessa mudança de paradigma. Logo em seguida, foram apresentados exemplos de empresas que estão adotando essa nova visão de economia solidária. Por fim, foi redigida uma conclusão sobre os pontos principais do trabalho.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Economia do Compartilhamento e o modelo de autogestão**

A Economia do Compartilhamento, ou Economia Solidária, pressupõe uma ruptura com o modelo capitalista, pois em vez de preconizar a competição, a colaboração é o esteio que suporta todos os seus princípios. De acordo com Singer (2002, p. 9):

“A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as situações.”

A ideia principal dos empreendimentos solidários é a autogestão, ou seja, todos os associados são donos do negócio e podem opinar de forma democrática nas decisões.

Na empresa solidária, de acordo com Singer (2002, p. 12), os sócios não recebem salário, mas sim retiradas, que variam conforme a receita obtida. Além disso, administradores e técnicos são melhores pagos – situação que possui consenso entre os demais sócios – haja vista que uma desigualdade de ganhos é tolerada em nome do sucesso da empresa e do escalonamento de funções.

A gestão dos bens comuns faz com que todos se sintam donos do negócio. Em relação a esse ponto, Singer (2002, p. 19), explica:

“[...] A autogestão exige um esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária: além de cumprir as tarefas a seu cargo, cada um deles tem de se

preocupar com os problemas gerais da empresa. Esse esforço traz ótimos resultados quando se trata de envidar mais esforços para cumprir um prazo, eliminar defeitos de um produto para atingir algum outro objetivo. [...]”.

O modelo auto gestor representa uma ruptura com o sistema capitalista, apesar de não ser possível antecipar a derrocada deste, da forma como conhecemos hoje. No entanto, podemos afirmar que uma mudança de cultura se faz presente na sociedade e é válido estudar os efeitos no atual sistema de produção.

## **2.2 Origens da Economia Solidária**

Os bens comuns são partes integrantes de economias que praticam a economia de subsistência. Desde o período feudal, no qual os servos eram obrigados a produzir e entregar parte do excedente ao proprietário da terra, os bens comuns começaram a emergir como única maneira de otimizar a produção, compartilhando seus recursos.

Com o início dos cercamentos na Europa, política imposta pelos monarcas ingleses para impulsionar a indústria nascente, os senhores feudais foram destituídos de suas terras, não restando alternativa aos camponeses a não ser migrarem para as cidades, onde o processo de urbanização estava em curso.

De acordo com Rifkin (2014, p. 31), os camponeses levaram as lições aprendidas para o novo ambiente urbano, onde enfrentaram um adversário igualmente dominador na forma dos senhorios das fábricas da Revolução Industrial.

O cooperativismo surgiu logo após a eclosão do capitalismo industrial, e como alternativa a este. Robert Owen, industrial inglês e proprietário de um complexo têxtil em New Lanark, resolveu flexibilizar algumas regras trabalhistas, limitando a jornada de trabalho e proibindo o emprego de crianças. Tais medidas incorreram em aumento de produtividade dos operários.

Owen foi idealizador das “Aldeias Cooperativas”, onde viveriam cerca de 1.200 pessoas produzindo para sua própria subsistência. Tal ideia foi colocada em questão pelo governo britânico em 1815, logo após a vitória da Inglaterra sobre Napoleão, na batalha de Waterloo, que a deixou em profunda recessão econômica.

De acordo com Singer (2002, p. 26):

“O raciocínio econômico de Owen era impecável, pois o maior desperdício, em qualquer crise econômica do tipo capitalista (devida à queda da demanda total), é a ociosidade forçada de parte substancial da força de trabalho. Há um efetivo empobrecimento da sociedade, que se concentra nos que foram excluídos da atividade econômica. Portanto, conseguir trabalho para eles é expandir a criação de riqueza, permitindo a rápida recuperação do valor investido. Isso foi demonstrado de outra forma por John M. Keynes, também britânico, durante a terrível crise da década de 1930.”

O governo inglês começou a adotar as políticas de pleno emprego, porém os planos de Owen foram vistos como uma tentativa de abolir o sistema capitalista, haja vista o grau de radicalização de que se assenhoreavam suas políticas. Dessa forma, as ideias de Owen foram deixadas de lado. No entanto, seus seguidores começaram a criar cooperativas por toda parte, movimento que coincidiu com a revogação, em 1824, dos “Combination Acts”, que proibiam a formação de sindicatos. Com a liberalização da organização sindical, novos sindicatos e cooperativas foram formados.

Essas são as origens da economia solidária, que já em seu berço despontava como uma alternativa ao capitalismo.

### **2.3 Mudanças de paradigma – O acesso em detrimento da posse**

Estamos vivenciando uma mudança de cultura, em que o compartilhamento de bens e serviços será cada vez mais comum. De acordo com Rifkin (2014, p. 160):

“Os consumidores estão se tornando seus próprios produtores, eliminando a distinção. Os prosumidores serão cada vez mais capazes de produzir, consumir e compartilhar seus próprios bens e serviços entre si a um custo marginal decrescente, criando novas maneiras de organizar a vida econômica em substituição ao modelo capitalista tradicional”.

O conceito de prosumidor, o consumidor que produz aquilo que consome, apesar de parecer utópico, é justificado pelas diversas plataformas

atualmente existentes, nas quais as pessoas compartilham bens, informações e serviços. Segue abaixo uma lista com os mais popularmente conhecidos:

- Uber: Aplicativo criado em 2009 por uma startup americana para aluguel de carros. De acordo com Steinberg (2015, p. 12):

“Quando o passageiro solicita o carro pelo smartphone, vê no dispositivo uma foto com o perfil do motorista, a nota dada por outros clientes aos seus serviços, e localização no GPS. [...] Ele dirige carros de luxo, veste terno, abre a porta para o passageiro, oferece água, revistas, salgadinhos e deixa o ar condicionado ligado. A corrida sai 5% mais cara que a de um táxi, tem o trajeto definido pelo Google Maps e é debitada em cartão de crédito.”

- Airbnb: Surgiu em 2008 e se define como um mercado comunitário para pessoas comuns anunciarem e reservarem acomodações pela internet. De acordo com Steinberg (2015, p. 13):

“[...] Um aplicativo organiza a distribuição, antes individual, de quartos em residências particulares. [...] Na prática, o Airbnb aproveitou-se do cochilo da indústria hoteleira que, com o crescimento, abandonou a essência original: oferecer serviço, cordialidade e conforto.”

- Couchingsurfing: Maior concorrente do Airbnb, possui taxa de associação de US\$ 25 e os associados oferecem alojamento gratuito uns aos outros. Segundo Rifkin (2014, p. 272):

“O Couchsurfing também se distingue de seu concorrente mais comercial, o Airbnb, por considerar sua missão de natureza mais social que comercial. Os associados são estimulados a socializar entre si durante a estada e a desenvolver laços de amizade que continuam após a visita.”

- Yerdle: Site de compartilhamento lançado em 2012, o Yerdle, segundo Rifkin (2014, p. 275), encontra e conecta amigos do Facebook que possuem itens que não usam e que gostariam de dar ou vender. Os membros do site podem trocar desde celulares, computadores e eletrodomésticos a roupas, livros e acessórios para animais de estimação. No site, a missão da empresa é definida da seguinte forma:

“Na Yerdle, nós queremos redefinir a palavra “meu”. Nós queremos nos livrar do sentimento de posse em relação a coisas que quase não usamos. Nós queremos mudar a forma como pensamos a respeito dos nossos pertences no contexto de um planeta com recursos finitos, vidas ocupadas e o melhor uso da renda que ganhamos”.

- SharedEarth: Site criado em 2010 que conecta pessoas que possuem terras ociosas e pessoas que desejam cultivar hortas, jardins ou pequenas plantações. De acordo com Rifkin (2014, p. 277), Adam Dell, idealizador do projeto, vislumbra uma tendência que foge da produção agrícola centralizada com escala vertical para uma produção distributiva e para consumo local. Tal conceito reflete a emergência dos prosumidores na economia, os cidadãos que passarão a consumir o que ajudam a produzir.

### **3 CONCLUSÃO**

Podemos concluir que existe uma transição da forma como o capitalismo é visto na sua relação entre produtores e consumidores. A sociedade está começando a perceber que, em uma era onde os recursos são cada vez mais escassos e a produção em massa tem impactado de forma negativa o meio ambiente, a produção compartilhada tem sido vista como a solução para um mundo mais sustentável.

A economia solidária, ou do compartilhamento, tem suas raízes nas relações de troca entre camponeses e senhores feudais, na época medieval. Para a melhor utilização da terra, os trabalhadores precisavam dividir tarefas, ferramentas e a própria terra. Com a transição para a indústria e urbanização, os camponeses foram obrigados a se adaptarem a um modelo de produção onde eles não mais detinham os instrumentos nem o produto de seu trabalho.

Dessa forma, movimentos de sindicatos, cooperativas e modelos de autogestão entraram em cena. Atualmente, o conceito de prosumidor, ou seja, o

consumidor que produz aquilo que consome, está deixando de ser um ponto de vista utópico para se tornar uma realidade cada vez mais presente.

Empresas como Uber, AirBnb, Couchsurfing, SharedEarth, etc., têm demonstrado que as pessoas estão dispostas a compartilhar bens, serviços e informações, assim como encontrar meios de produzi-los. Dessa forma, é possível concluir que estamos no limiar de um novo modelo econômico que privilegiará o acesso em detrimento da posse, deixando para trás as trocas pautadas pelo sistema capitalista, tal qual o conhecemos hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista. **Site da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**. Disponível em:

<<http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=967&article=171&mode=pdf>>. Acesso em: 20 Ago 2016.

Missão da empresa “Yerdle”. **Site do Yerdle**. Disponível em:

<<https://yerdle.com/mission>>. Acesso em: 20 Ago 2016.

RIFKIN, Jeremy. **Sociedade com custo marginal zero**. São Paulo – 2016 – M. Books do Brasil Editora Ltda. 400 p.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2003. 360 p.

Visionários, polêmicos e funcionais. **Site da revista Viagens S/A**. Disponível em:

<<http://www.steinberg.com.br/img/conteudo/Servicos%20Hi%20Tech%20-%20Visionarios,%20Polemicos%20e%20Funcio-20156810742.pdf>>. Acesso em: 19 Ago 2016.